

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16092 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)
ISSN: 2595-7945
Eixo Temático 09 - Currículo

CAPTURANDO MEMÓRIAS DE ESCOLA: UM ARQUIVO DE VIDAS

Rafael Padilha Ferreira - UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
Natália Hoppe Schultz - Universidade do Vale do Taquari- Univates
Angelica Vier Munhoz - Universidade do Vale do Taquari Univates

CAPTURANDO MEMÓRIAS DE ESCOLA: UM ARQUIVO DE VIDAS

RESUMO

Esta pesquisa busca arquivar memórias escolares pela coleta de documentos produzidos a partir do início do século XX, dando visibilidade às "palavras e coisas" da escola e buscando compreender as reverberações desses discursos no presente. Inspirada na perspectiva arquivística de Michel Foucault, esta pesquisa entende que os documentos, institucionais ou pessoais, dão a ver práticas subjetivas, culturais, sociais e políticas que moldam as vidas dos que passam pela escola. Após a coleta, realizada tanto fisicamente, em feiras e eventos, quanto *online*, por meio de um formulário respondido pelos doadores dos materiais, os documentos são classificados e analisados, mostrando sua complexidade e as funções atribuídas a eles ao longo do tempo. Os procedimentos incluem leitura e releitura dos materiais, destacando descontinuidades e repetições encontradas nos documentos que passam a compor o arquivo. Esses materiais serão organizados e disponibilizados em um acervo digital público, permitindo o acesso de outros pesquisadores, com vistas a promover um diálogo contínuo sobre a história e a memória escolar, servindo de ferramenta para estudos futuros.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo. Memória. Brocantes. Escolas.

"as imagens reais ou imaginadas, que permanecem conosco durante o sono
as imagens de um único instante tocadas por uma luz que só pertence a elas
Vão se acabar todas de uma só vez, assim como as milhares de imagens que estavam na cabeça dos avós mortos
há meio século e dos pais também mortos."

Annie Ernaux

Partindo da ideia de que o currículo não apenas produz, mas também nos produz, uma vez que "[...] está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos" (Silva, 2001, p. 27), pode-se entender que os documentos produzidos ao longo de nossa escolarização são resultado de práticas subjetivas, culturais, sociais e políticas. Artières (1998) afirma que a produção de arquivos pessoais constitui-se como um dispositivo de resistência que, em vez de ser um processo de sujeição, oportuniza um processo de subjetivação. Mas o que é feito, ou o que fazemos, com os papéis que preenchem o dia a dia escolar? Se os arquivamos, onde e como o fazemos? Essa massa documental é composta não só de documentos institucionais, que contam uma genealogia da escola, mas também de arquivos pessoais que dizem das vidas singulares que passaram por ela. O autor também nos instiga a pensar que na escola somos convidados pela professora a mantermos os nossos próprios arquivos, e nos lembra que nossas memórias são resultado de um acordo feito com a realidade, em que manipulamos nossa existência, omitindo, rasurando, sublinhando aquilo que queremos destacar, pois o arquivo é sempre lacunar, nele "[...] não guardamos todas as maçãs" (Artières, 1998, p. 11) nem todos os cadernos que passaram por nossas mochilas.

A partir das brocantes - feiras de rua que, na França, são organizadas para venda de objetos e de papéis velhos, em que documentos de pessoas comuns passam a ter relevância, valorizando o indivíduo anônimo como figura da história - surge esta pesquisa. O projeto tem por objetivo recolher papéis e documentos escolares, fisicamente, nas brocantes, ou *online*, por meio de um formulário respondido pelo doador do material, a fim de construir um arquivo digital público. Isso diz respeito tanto a papéis oriundos de instituições, como ofícios, circulares, projetos, atas, etc., quanto a documentos de vidas singulares, tais como boletins, pareceres, cartas, desenhos, bilhetes, agendas, entre outros, que tenham sido produzidos a partir do início do século XX. Dessa forma, busca-se dar visibilidade ao que foi produzido

documentalmente pela instituição escolar ao longo de mais de um século, a fim de perceber as regularidades e descontinuidades discursivas, assim como compreender de que modo essas discursividades ainda reverberam no presente.

O projeto toma como base teórico-metodológica a perspectiva de arquivo de Michel Foucault. Para o filósofo, o arquivo não é apenas "[...] a lei do que pode ser dito, [...] a massa das coisas ditas em uma determinada época, os limites do dizível", mas também "o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa" (Foucault, 2008, p. 152). Assim, "o arquivo é, mas também o arquivo faz" (Foucault, 2000, p. 145), estabelecendo uma relação entre o que foi dito no passado e como nos apropriamos desses discursos no presente, entendendo que o arquivo é sempre lacunar e que nele jamais encontraremos uma verdade absoluta (Foucault, 2015). São justamente as lacunas que ativam, atualizam e reinventam a própria potência do arquivo. Ele é, como diz Farge (2009, p. 14), "[...] uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente visitados pela história." A autora explica que o arquivo não escreve páginas de história, mas nos conta do irrisório e do trágico que constroem os acontecimentos cotidianos (Farge, 2009). Interessam-nos as vidas reais que passaram pela escola e que tiveram seus destinos, ao menos parcialmente, decididos naqueles instantes. Vidas atravessadas por esses discursos, riscadas e perdidas nas palavras (Foucault, 2003).

No trabalho com o arquivo do projeto, após o recolhimento desses papéis escolares, é preciso empilhá-los, classificá-los, categorizá-los. As categorias são criadas na medida em que os materiais vão sendo recolhidos, e é então que entendemos o que Perec (1989) afirma, quando fala do problema das classificações, pois elas não duram, caducam rapidamente, são estranhas. Às vezes, a chegada de um único documento força a criação de uma nova categoria. Nesse momento, nada é rejeitado ou dispensado, uma vez que, "[...] em plena coleta, não há como dispensar informações, pois o importante é deter o conjunto de dados sobre a questão, naturalmente nos limites cronológicos e espaciais previamente estabelecidos" (Farge, 2009, p. 66). Muitos papéis são ordinários, comuns, clichês, corriqueiros, e sabemos que a escola produz repetições do mesmo. Mas, em meio a eles, sempre há algo de

infraordinário. No entanto, o que interessa no trabalho arquivístico não é cada documento em particular, mas a relação entre eles, as séries que se pode criar, as repetições e as diferenciações.

O trabalho de análise começa pela leitura e releitura dos documentos. Do encontro com o arquivo, algumas matérias saltam aos olhos, mas é preciso retornar a ele para que outras séries discursivas possam ser encontradas. Os documentos coletados são fragmentos de vidas escolares expostos de forma desordenada. Os acontecimentos parecem ser quase inexistentes, os incidentes, costumeiros. Mas nos apoiamos em Farge para entender que "[...] é na obscuridade e nos intervalos que reside o acontecimento – deslocadas, as imagens, as palavras podem compor um objeto novo, diferentes de outros" (2009, p. 84). É difícil saber o que escolher e o que abandonar, decidir entre o necessário e o supérfluo, porque o que se tem são sempre palavras e imagens esparsas, elementos dispersos de realidade. O trabalho de arquivo passa por um gesto, em que se copiam textos, se selecionam imagens, se juntam peças, buscando identificar um modo de pensar, regras de funcionamento, determinada produção de sentido. Como diz Georges Didi-Huberman: é um trabalho de mesa de montagem em que se "separa coisas habitualmente reunidas e [se] conecta as coisas habitualmente separadas" (Didi-Huberman, 2017, p. 123). Monta-se e remonta-se a massa textual para poder dispô-la de outra forma.

Ler e reler o arquivo remete, também, a outra tarefa: reescrever o arquivo em um exercício capaz de reinventar as suas matérias. Farge (2009) nos alerta, então, para um novo desafio: encontrar não somente formas de ler o arquivo, mas também formas de retê-lo. Nesse sentido, está em andamento a elaboração de um repositório digital do arquivo do projeto, que servirá de suporte para esses documentos e que poderá ser acessado por outros pesquisadores. Dos mais de 1200 documentos escolares catalogados e arquivados até o momento, classificados em cerca de 80 categorias, algumas já estão em processo de análise, tais como materiais avaliativos, bilhetes em cadernos e agendas escolares e materiais em que é possível identificar aspectos relacionados às discussões sobre gênero e sexualidade.

Certamente não encontraremos uma natureza única da instituição escolar nesses

papéis e documentos, mas perceberemos as suas complexidades, as diferentes formas de pensá-los, as funções atribuídas a cada um deles, as regularidades discursivas, evidenciadas somente quando nos distanciamos do discurso como realidade pronta. Buscamos, portanto, por um lado, dar a ver o que foi produzido enquanto "palavras e coisas" da escola, a partir do início do século XX, e, por outro, compreender, a partir desse arquivo, o quanto esses discursos ainda reverberam na atualidade, ou seja, como eles nos apresentam um possível diagnóstico do presente. De certa forma, o que o arquivo nos ajuda a perceber é de que modo a vida imita a arte, tal como as memórias de Annie Ernaux, citada na epígrafe deste texto, que busca materializar aquilo que não quer ou não pode esquecer.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Estudos históricos. Trad. Dora Rocha. São Paulo: UNESP, 1998, n. 21.

DIDI-HUBERMAN. Georges. **Quando as imagens tomam posição**. O olho da história I. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

ERNAUX, Anne. **Os anos.** Trad. Marília Garcia. 1. ed. São Paulo, editora Fósforo, 2021.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. Trad. Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault explica seu último livro. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Trad. Elisa Monteiro. (Col. Ditos e escritos, II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 145-152.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

PEREC, George. **Penser/Classer.** Paris: Éditions du Seuil, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.